SQUID GAME: PORQUE NOS VICIOU TANTO?

A despedida da série mais vista de sempre da Netflix é agora: a 27 de junho. Porque é que *Squid Game* deixou tanta gente agarrada ao ecrã? O que tinha de especial?

gps

Cinema
28 Anos Depois e *Elio*: duas estreias a reter
p. 114

Gourmet
Crítica gastronómica: O Velho Eurico vale o *hype*?
p. 118

Música
Discos que levamos do primeiro semestre do ano
p. 120

guia para Sair

EM VÍDEO

EM PODCAST

ACOMPANHEO O PROGRAMA EM WWW.**SABADO**.PT

CMR

Sugestões
para o fim de semana, quintas-feiras, às 11h40, na Correio da Manhã Rádio (90.4 Lisboa, 94.8 Porto)

D.R.

O ADEUS A UMA SÉRIE DIFERENTE

Em 2021 sentámo-nos no sofá para ver o futuro do entretenimento. Ainda não chegámos aí, mas *Squid Game* parecia tão real que ficámos agarrados. A última temporada está aí. Por **André Almeida Santos**

EM SETEMBRO de 2021, ainda com um mundo a cambalear de uma pandemia, estreava *Squid Game*. O sucesso foi retumbante: tornou-se a série mais vista da Netflix. Durante várias semanas só se falava de *Squid Game*, em parte lembrando o fenómeno *A Casa de Papel*, uns anos antes, mas em grande parte lembrando pouca coisa. Não pelo conceito, que é derivativo de outras ideias já exploradas na cultura popular, mas pela forma como a realidade extrema de *Squid Game* se revelava verosímil. Sobretudo quando as expectativas de um mundo melhor pós-Covid estavam já distantes. A terceira e última temporada da série chega agora: estreia a 27 de junho na Netflix.

A primeira temporada era a extravagância. Hwang Dong-

FOTOS D.R.

-hyuk, criador, argumentista e realizador de *Squid Game*, imaginou uma Coreia do Sul em que o capitalismo usava e abusava da extrema pobreza da sua população. O ponto de partida é uma crítica social: há muita pobreza na Coreia do Sul, disfarçada pelo fascínio que temos pelo país, devido à cultura pop (música e cinema) que exporta. Contudo, se estivermos atentos ao cinema que vai chegando ao Ocidente nas últimas três décadas, a mensagem tem estado sempre lá. Para sair desse desespero, algumas pessoas aceitavam entrar num jogo extremo, o Squid Game.

456 jogadores, várias etapas, a morte certa se não se passar uma das etapas. O vencedor? Ganhava um prémio chorudo de muitos milhões. A saída da pobreza, contudo, nunca seria limpa. Quem leva o prémio para casa, leva um rasto de sangue. E foi mais ou menos este o ponto de partida da segunda temporada. Uma espécie de *Rambo 2*, sem Sylvester Stallone a voltar ao Vietname para salvar os companheiros, mas com o protagonista, Seong Gi-hun (Lee Jung-jae) a querer voltar ao jogo, três anos depois de o vencer, para o sabotar e dar cabo do Front Man, o mandachuva.

Na terceira, Seong Gi-hun, "o jogador #456", volta aos jogos, ainda mais difíceis que no passado, com o mesmo objetivo. Não é a série a repetir-se, mas a continuar o que não ficou acabado numa curta segunda temporada (só com sete episódios). E é fácil estar do

Seong Gi-hun, também conhecido como "o jogador 456", continua a ser o protagonista



Toda a série fica disponível na Netflix esta sexta-feira, 27 de junho



Os novos episódios serão os últimos, de uma série que marcou como poucas a televisão



FOTOS D.R.

Estão de regresso os jogos e desafios que podem ter a morte como consequência

Seong Gi-hun, o protagonista, é o tipo de jogador que imaginamos nesta situação: desempregado, com problemas de jogo, a viver com a mãe, incapaz de cuidar da filha

lado de Seong Gi-hun, não só por ser o protagonista e herói mas porque é desde o início a cara do tipo de jogador que imaginamos nesta situação: desempregado, com problemas de jogo, a viver com a mãe, incapaz de cuidar da filha.

Seong Gi-hun está próximo de nós. É alguém que conhecemos ou que está próximo, mas desconhecemos quão mal está. Ver a sua transformação ao longo da série é, também, um sinal dos tempos. Do mal a que temos de oferecer resistência. Isto, claro, com o lado perverso de tudo: Squid Game, o jogo dentro da série de televisão, é um espetáculo para público ver. E é, claro, um sucesso.

A fórmula de *Squid Game* não é nova e já foi tentada várias vezes. Uma das versões mais populares e antigas é o filme *O Malvado Zaroff* (1932), sobre um milionário que decide levar uma série de convidados para uma ilha para depois os caçar. É a morte como desporto para o entretenimento de uma minoria.

No início deste século deu-se o fenómeno *Battle Royale*, filme sobre um futuro em que o governo japonês rapta um grupo de adolescentes de uma escola e mete-os numa ilha a matarem-se uns aos outros. Só pode haver um vencedor, claro. Aqui alterava-se a fórmula (que *Squid Game* adota), a morte como desporto para entreter uma maioria. Uns anos mais à frente, os livros *Os Jogos da Fome*, de Suzanne Collins, aproveitaram-se dessa ideia e criaram um sucesso planetário, que também foi transformado em filme. Aqui, como em Battle Royale, há uma diferença: o horror está no mundo retratado por ser tão parecido com o nosso. E, claro, em pensarmos constantemente se seríamos mesmo capazes: de criar um concurso assim e de o vermos. Aproveitando o sucesso da série de televisão, a Netflix criou o seu próprio *Squid Game* mas, claro, sem risco de morte.



As temporadas anteriores estão no pódio das mais vistas da Netflix (com *Wednesday* – T1)

Apesar de ser algo bastante ocidental, a série tem muitos elementos da ficção audiovisual sul-coreana e essa estranheza também foi atrativa para o público. Por outras palavras, a televisão inglesa e a norte-americana não são conhecidas por apresentar conceitos baseados numa ideia extrema, a não ser, claro, que já tenham sido feitos e testados. A asiática sim. Isso foi uma mais-valia para Squid Game e tem sido para muita ficção, cinema e televisão, sul-coreana das últimas décadas.

PUBLICIDADE

beira douro cafés

Intensamente



Visite a loja online

www.beiradourocafes.pt

Cápsulas compatíveis com nespresso®*original

*Marca pertencente a outrem, que não a Beira Douro

7 SÉRIES PARA FÃS DE *SQUID GAME*

O fenómeno coreano não nasceu com *Squid Game*. Já existiam séries no serviços de *streaming* (sobretudo na Netflix) e algumas bem-sucedidas (como *Kingdom*). Sete sugestões para se continuar a perder na ficção televisiva coreana

FOTOS D.R.

IT'S OKAY TO NOT BE OKAY

Netflix

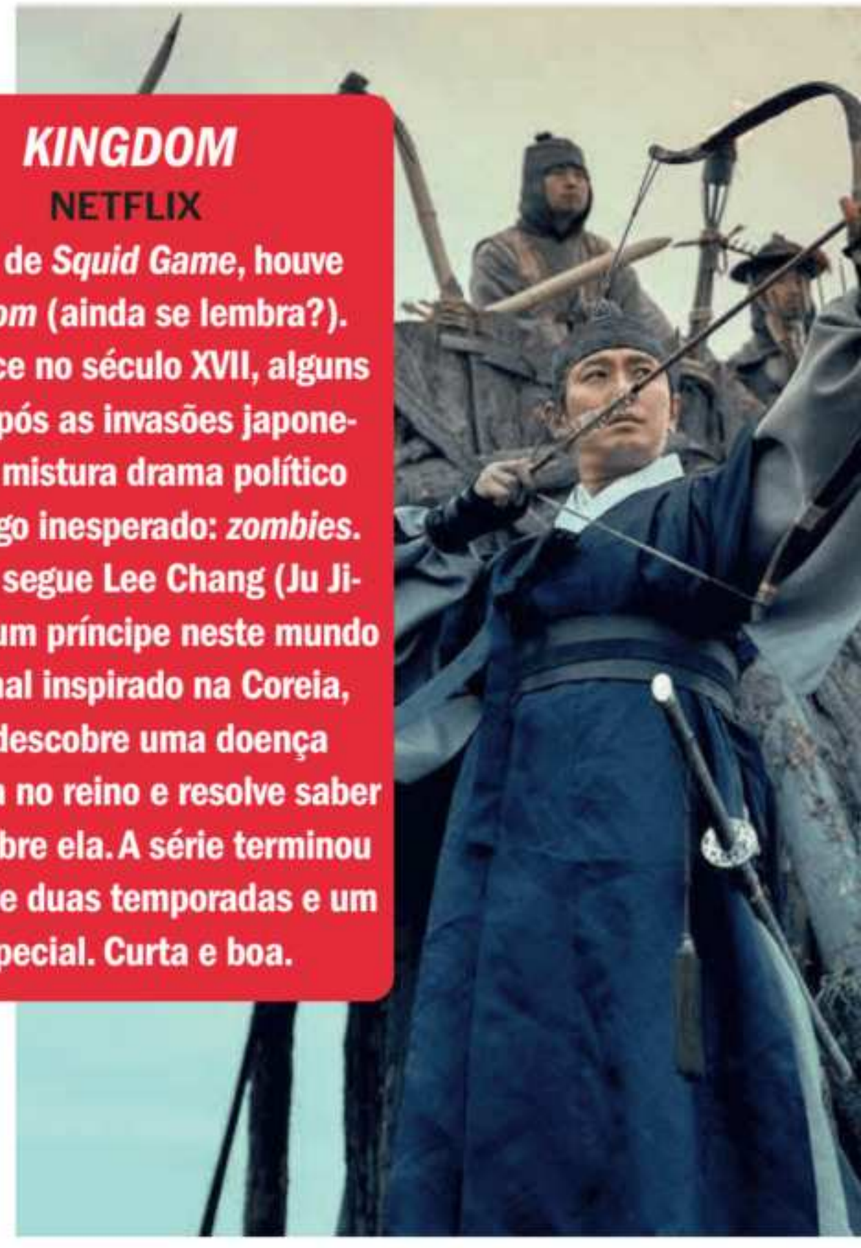
Se alguma vez procurou por séries coreanas na Netflix, de certeza que notou a presença de muitas séries românticas. Por onde começar? Esta é uma boa opção, sobre duas personagens com problemas do foro psicológico que se conhecem num hospital. Apenas uma temporada com 16 episódios, alguns bem granditos. Quando estreou, em 2020, foi muito elogiada e ainda é uma das melhores produções coreanas na Netflix.



HELLBOUND

Netflix

Depois de *Squid Game*, veio *Hellbound*. Estreada também em 2021, foi um fenómeno de fim de ano e rapidamente se projetou no *top* da Netflix. Série que mistura fantasia e sobrenatural, acontece entre 2022-2027, quando a Terra começa a ser invadida por um ser que condena certas pessoas ao inferno. Daí até começarem a aparecer seres monstruosos é um instante. Já vai na segunda temporada.



KINGDOM

NETFLIX

Antes de *Squid Game*, houve *Kingdom* (ainda se lembra?). Acontece no século XVII, alguns anos após as invasões japonesas, e mistura drama político com algo inesperado: *zombies*. A série segue Lee Chang (Ju Ji-hoon), um príncipe neste mundo ficcional inspirado na Coreia, que descobre uma doença estranha no reino e resolve saber mais sobre ela. A série terminou ao fim de duas temporadas e um especial. Curta e boa.



BUSINESS PROPOSAL

Netflix

Se procura uma comédia romântica mais tradicional, *Business Proposal* é uma boa solução. Doze episódios apenas, em torno de Shin Ha-ri e Kang Tae-moo, dois solteiros à procura de parceiro num *blind date*. Gostam da experiência, só que há um pequeno problema aqui no meio: ele é patrão dela, coisa que desconheciam antes do *date*. A partir daqui desenvolve-se uma comédia bastante funcional, em volta de expectativas, experiências, resistências e a possível descoberta do amor.



A KILLER PARADOX

Netflix

Também há *thrillers* coreanos. Este tem uma premissa engraçada: um tipo normal mata um assassino em série. Só que isto acontece como por acaso e o ato desvenda outra coisa: Lee Tang, o protagonista, descobre que tem um poder fora do comum, de identificar pessoas más. O que fará ele com esse poder? Aliás, o que fará ele com esse poder enquanto é perseguido por detetives que procuram o homicida do assassino em série? Tudo em oito episódios.

ALL OF US ARE DEAD

Netflix

Ainda só com uma temporada – a segunda anda a ser adiada há algum tempo –, *All Of Us Are Dead* mistura *coming of age* e o apocalipse *zombie*. A ação começa numa escola, quando uma experiência corre mal e os miúdos ficam presos a lidar com a situação, enquanto um vírus se espalha pela cidade. A série faz bom uso da sua localização e gere bem a sensação de claustrofobia das personagens. Bem mais inteligente do que à partida parece.







GOOD BOY

Prime Video

Não é só para desenjoar da Netflix (que aposta há anos em produções coreanas), *Good Boy* é bem divertida. Envolve comédia, desporto e policial, em torno de um grupo de desportistas que se tornam polícias. Isso mesmo. Agora é somar 1+1 e pensar como este grupo de desportistas usará o seu talento para combater o crime. A comédia está feita. A série acabou de chegar à Prime e novos episódios (de um total de 16) chegam a um ritmo semanal, até ao fim de julho.



Um pai, Jamie (Aaron Taylor--Johnson) e um filho, Spike (Alfie Williams), estão no centro da narrativa do filme

DE VOLTA AOS *ZOMBIES*, COM DANNY BOYLE

O *franchise* que começou em 2002, com *28 Dias Depois*, ganhou novo capítulo, que traz novas mutações de *zombies* e o virtuosismo habitual do realizador de *Trainspotting* e *Quem Quer Ser Bilionário?* Já nos cinemas. Por **Nuno Miguel Guedes**

DESDE HÁ MUITO que um filme de Danny Boyle é sempre um acontecimento, qualquer que seja a reação do público e da crítica. Boyle é um dos mais aclamados realizadores britânicos da atualidade e o seu currículo prova isso mesmo, entre prémios (*Quem Quer Ser Bilionário?*, de 2008, venceu oito Óscares e sete BAFTA), receitas comerciais e culto, como aconteceu com a sua adaptação do romance de Irvine Welsh, *Trainspotting* (1996) ou *28 Dias Depois* (2002), no que viria a ser a sua segunda colaboração com o escritor e argumentista Alex Garland e o primeiro capítulo do *franchise* de que o novo *28 Anos Depois* (2025) é o filme mais recente.

Para além de cineasta, Boyle tem também uma carreira como encenador teatral, foi o diretor artístico da extraordinária abertura dos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres, e chegou mesmo a ser agraciado pela Rainha Isabel II com uma ordem honorífica, que declinou por causa dos seus indefetíveis valores republicanos.

28 Anos Depois é o novo filme do cineasta Danny Boyle, de 68 anos, que já trabalhou *biopics*, comédias, sátiras sociais, *thrillers* e pós-apocalipses *zombies*

Regressemos então ao cinema de Danny Boyle. Uma das suas mais evidentes características é o ecletismo de géneros: *biopics*, comédias negras, sátira social, *thrillers* de ficção científica ou comédia dramática são territórios em que o realizador navega bem e com prazer. E, claro, o género do pós-apocalipse *zombie* que aqui nos fez chegar.

O primeiro episódio da saga *28 Dias Depois* foi um imenso sucesso, talvez até um pouco inesperado para quem ligava Boyle ao humor duro e crítico misturado com uma banda sonora de excelência que era encontrado em *Trainspotting*. Mas a his-



MIYA MIZUNO



Jodie Comer é uma das estrelas do elenco

solada e aterrorizadora.

O terceiro capítulo segue no geral a estética dos anteriores, mas com óbvias diferenças. Com Garland mais uma vez a tomar conta do argumento encontramos, 28 anos depois, uma comunidade de sobreviventes do surto do vírus a habitarem uma pequena ilha na costa nordeste da Grã-Bretanha. Essa fortaleza está separada da ilha principal – onde estão os infetados – apenas

O filme não desilude e o fim abre portas a mais uma sequela, que Boyle até já filmou, já tem título (*O Templo dos Ossos*) e trará de volta Cillian Murphy

por uma frágil passagem que só é possível de atravessar na maré baixa. E é por ela que um pai (Aaron Taylor-Johnson) e um filho de 12 anos (Alfie Williams) vão para a terra principal num ritual de iniciação que ensina a caçar e a defrontar os *zombies*.

O que pai e filho vão encontrar, porém, é algo desconhecido. Ao regressarem, o filho decide, sozinho, levar a mãe (Jodie Comer) – que sofre de perturbações mentais – em busca de um misterioso doutor Kelson (Ralph Fiennes, no que parece ser uma piscadela de olho ao coronel Kurz de *Apocalipse Now*, um filme venerado por Boyle), o único que a poderá curar, e as aventuras começam.

Há muitos aspetos interessantes neste *28 Anos Depois*, a começar por uma nova mutação de *zombies*: os Alfa, autênticas supercriaturas capazes de correr como Usain Bolt ao contrário dos passos trôpegos dos seus antepassados. Outro pormenor que é uma marca *boyleana* é como é tratada a comunidade sobrevivente, no que parece ser uma leve sátira à "little England", com retratos da Rainha Isabel II e festejos ao som de *Delilah*, de Tom Jones...

As imagens de arquivo retiradas de *Henry V*, filme de Lawrence Olivier de 1944, com os arqueiros ingleses da batalha de Agincourt, reforçam o subconsciente desta comunidade, patriótica e disposta a defender a sua ilha dos invasores, como o mais típico dos britânicos. Junte-se a isto mais uma vez o virtuosismo de Boyle, que desta vez junta às câmaras digitais convencionais e *drones* a utilização de telemóveis iPhoneMax, para que as cenas em espaços exíguos sejam dinâmicas e assustadoras.

Não desilude, *28 Anos Depois*, e o fim abre portas a mais uma sequela – que nem de propósito Boyle filmou em simultâneo: vem aí *28 Anos Depois: O Templo dos Ossos*, que trará de volta a personagem de Cillian Murphy do primeiro filme. Até lá, sentemo-nos e apreciemos o pós-apocalipse.



MIYA MIZUNO

Ralph Fiennes (à direita) interpreta Ian Kelson, um misterioso médico

ELIO: A PIXAR E A SOLIDÃO

O filme de animação em que a Pixar aposta para este verão, uma viagem intergaláctica traz respostas importantes a uma criança de 11 anos que se sente incompreendida. Já nos cinemas. Por **Sofia Parissi**



O filme mistura ficção científica e aventura, refletindo sobre o sentimento de incompreensão dos mais novos

QUEM nunca sonhou viajar pelo espaço e conhecer extraterrestres? É isso mesmo que acontece a Elio, um menino de 11 anos que, depois de perder os pais, fica ao cuidado de uma tia, Olga. Incompreendido pelas outras crianças e a atravessar um processo doloroso de luto, Elio manifesta várias vezes o desejo de ser raptado por extraterrestres. Ao contrário de todas as expectativas, o desejo realiza-se.

À chegada ao Comuniverso, uma organização interplanetária, Elio é confundido com o líder da Terra e decide assumir essa personagem, com o objetivo de permanecer o máximo tempo possível naquele lugar paradisíaco, onde se juntam as mentes mais brilhantes do universo. Problema? Este "cargo" vai trazer muitos desafios e, para os completar, vai precisar da ajuda de Glordon, o seu novo amigo. A pequena criatura pertence a outra galáxia e sente-se sozinha e incompreendida, tal como a personagem principal.

Elio manifesta o desejo de ser raptado por extraterrestres e o desejo realiza-se. Na organização interplanetária Comuniverso vai ter de enfrentar vários desafios



Depois de perder os pais, Elio fica ao cuidado da sua tia, Olga

Elio, assim batizado em homenagem a Elliot, personagem do filme *E.T. – O Extraterrestre* (1982), de Steven Spielberg, – confirmaram as realizadoras Madeline Sharafian, Domee Shi e Adrian Molina em entrevista ao canal ComicBook – mistura ficção científica e aventura, e é pontuado por momentos emocionais. Mais do que responder à questão "estaremos sozinhos [no Universo]?", repetida algumas vezes durante o filme, a nova produção da Pixar e da Disney convida a refletir sobre a solidão, o luto, o sentimento de pertença, a autodescoberta e o poder transformador da amizade.

"Já todos nos sentimos solitários e isolados e já nos sentimos incapazes de nos conectarmos com os outros, sem saber porquê", referiu Domee Shi, em declarações ao canal The Movie Podcast. Sobre a dinâmica familiar entre Olga e Elio, a realizadora acrescenta: "Na vida real, são apenas dois lados que não comunicam e que não se entendem, mas ambos têm boas razões para se sentirem da forma como se sentem." Apesar de todos os esforços, Olga vai confrontar-se rapidamente com os desafios da maternidade no novo filme, que chegou aos cinemas portugueses na última quinta-feira, 19 de junho.

opinião

Bom gosto, mau feitio

OS CONSELHOS DAS REDES



ÂNGELA MARQUES

Aquele jantar devia ter sido pescada, para que a piada já viesse feita: é que antes de o ser, aquele jantar já o era. Num grupo de WhatsApp, um muito humilde "bom dia" tinha tido como resposta o mais imediato "combinado". Assim mesmo, sem entropia: bom dia, combinado, jantar marcado.

Muito a propósito, aquelas três amigas da vida airada não tinham precisado de um motivo, de um propósito e muito menos daquele *puzzle* de mil peças mais conhecido como "vamos bater agendas até à náusea" para se encontrarem, tal como no filme de 1952, numa das Avenidas Novas da Lisboa moderna – mas para jantarem numa tasca, daquelas com toalha de papel que em cinco minutos é promovida a um quadro de Miró mas acidental.

Com choco frito em lascas, alheira de Mirandela grelhada e iscas à portuguesa com salada, aquela mesa tinha tudo, só não tinha comparação com as restantes – ali ria-se para não se chorar do estado do País e do mundo. Até porque entre os croquetes de entrada e as tortas de laranja antes da saída, tínhamos evitado entrar nos assuntos mais difíceis (agora, pense-se).

COM CHOCO FRITO, ALHEIRA GRELHADA E ISCAS À PORTUGUESA COM SALADA, AQUELA MESA TINHA TUDO, SÓ NÃO TINHA COMPARAÇÃO

Já a caminho do carro, depois de falarmos das dores de alma, uma de nós (a mais velha) decidiu falar das dores no corpo. Estava com as costas feitas num oito. Nós compreendíamos, claro, quem nunca, para atirar a primeira pedra quente. Em vez disso, decidimos atirar-lhe truques, testes e mezinhas.

Dos alongamentos às pomadas, ela ouviu tudo sem pestanejar. Até que lhe falámos em saquinhos de sementes e ela pôs a mão na anca (afinal, a dor era mais em baixo) e disse: "Parece que estou a ver aqueles vídeos dos velhos das redes a aconselharem tudo a outros velhos." Rimo-nos e eu perguntei-lhe: "Ainda achas que velhos são os trapos?" ◘

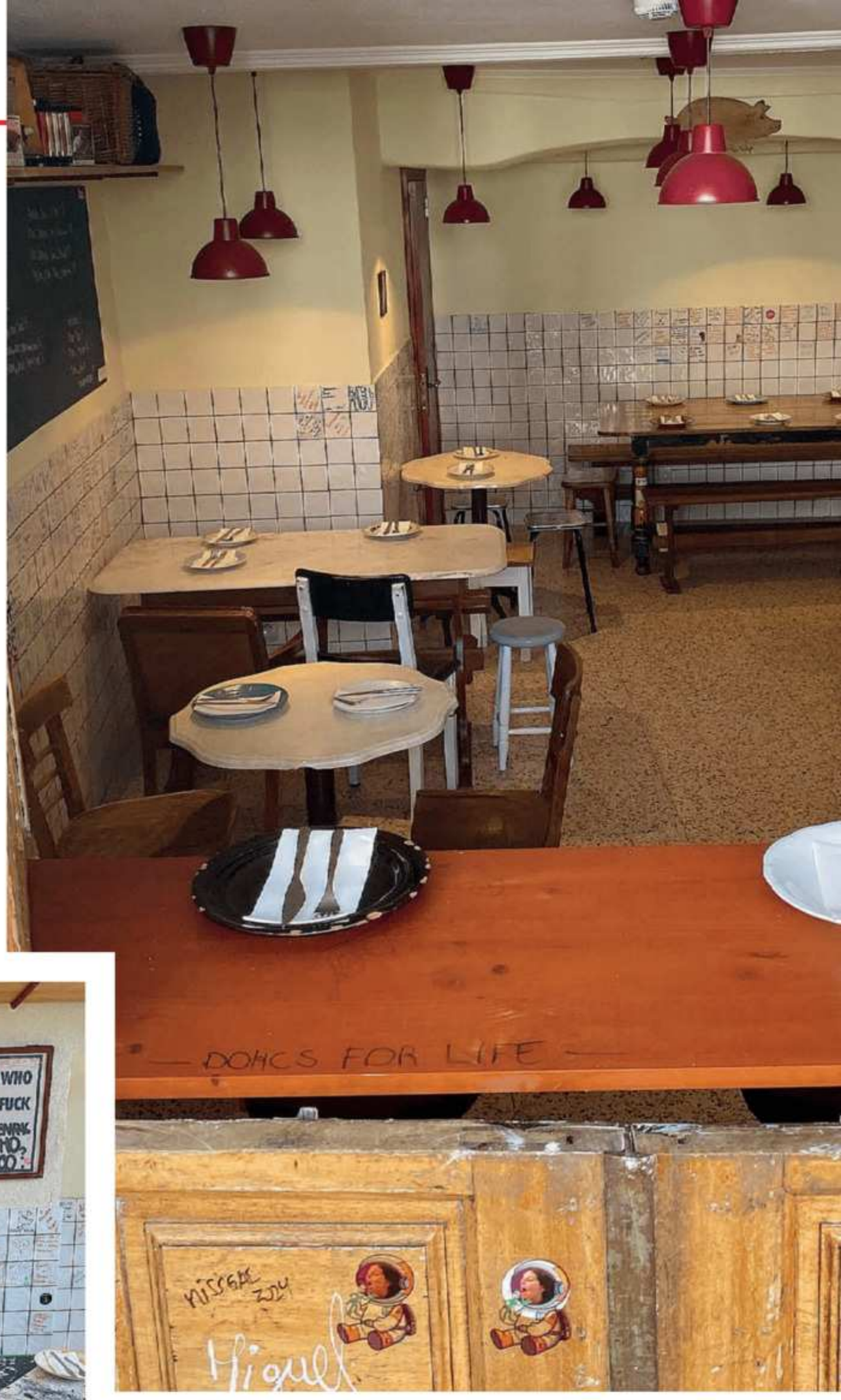


GETTYIMAGES

CRÍTICA

POR **GONÇALO CORREIA**

"O Velho Eurico: *um* hype justificado"



"COMO ASSIM, nunca foste ao Velho Eurico?" Aqui está uma pergunta que fui ouvindo recorrentemente. Espero que a confissão não soe *hipster*, e se puder não dar azo a comentários como "mais um junta-letras com a cabeça enfiada em Lisboa" nas redes sociais, agradece-se. A verdade é que ser jornalista de cultura com um pé enfiado na gastronomia e nunca ter comido no Velho Eurico é coisa para fazer alguém corar de vergonha.

Não é, porém, preciso escrever amiúde sobre comida para conhecer a fama deste restaurante que fica no número 3 do Largo de São Cristóvão, em Lisboa. Porque não são os jornalistas nem os críticos gastronómicos que todos os dias (exceto 2ª, dia de descanso) lhe enchem a sala. Terão dado uma boleia na construção do *hype*? Certamente, mas hoje a clientela está consolidada.

Hype é a palavra que talvez me tenha atrasado a visita. Um restaurante que para almoçar ou jantar no fim de semana tem uma fila de espera de meses? "Está bem..." Até que a 7 de maio chega-me ao WhatsApp uma mensagem de uma amiga disfarçada de anjo da guarda: "O Velho Eurico reabriu e consegui marcação dia 22 às 12h (5ª feira). Sei que é complicado mas se quiserem..." *Challenge accepted.*



FOTOS D.R.

As paredes estão decoradas com mensagens escritas (a marcador) por clientes

À chegada, uma ardósia enumera o menu. Na fachada, lê-se "O Velho Eurico – restaurante típico". Será *very typical*, armadilha encarecida para turista, aproveitando-se do FOMO (Fear of Missing Out) que a longa lista de espera provoca?

Às 12h02, um empregado surge à porta sorridente, "bom dia, reservas?" e António Variações começa a cantar. A *playlist* rola, as hostilidades estão abertas. Há de começar a chegar a comida.

Vem o pão (€3), primeira boa surpresa, a acompanhar um azeite Angélica (€3), alentejano. Cumpre mas para "molhar", surpreende mais o molho dos camarões (€5), picante e doce q.b., uma ideia inventiva de recriação do receituário português – a marca desta tasca moderna que precedeu as neotascas que hoje pululam, aliando criatividade na cozinha a ambiente descontraído na sala e preços que não obrigam à venda de um rim.

A simpatia dos funcionários vai compensando alguma espera para reforçar pedidos, mas o que compensa mesmo é o croquete de borrego (€4 un.), a boiar num molho gulo-



Uma das duas salas (têm ligação direta) do interior do restaurante lisboeta



Arroz de pato (€14), o prato mais imbatível d'O Velho Eurico, entre aqueles que provámos



O croquete de borrego (€4 un.) é uma das entradas recomendadas

1 2 3 4 5

O VELHO EURICO

Largo São Cristóvão, 3, Lisboa
3.ª, 19h30-22h30
4.ª a dom., 12h-15h e 19h30-22h30
€30 (preço médio)

"Reabriu em maio e é um porto seguro de Lisboa. Típico, sim; 'very typical', não"

so, carne desfiada a maravilhar a boca. Ouvimos dizer que o desaparecimento do tão propalado pastel de leitão do menu tem a ver com ele. Porque não ter os dois, rapaziada?

Chegamos aos pratos principais e é hora de trocar a cerveja (€2 imperial, €4 caneca, razoável para um restaurante tão afamado) pelo copo de vinho: escolhemos um branco Chaminé (€6), a combinar com o calor tórrido do dia.

A música vai tocando – Doce, Carlos Paião –, mas não se sobrepõe, dando espaço a uma sinfonia melhor, a das vozes que conversam animadamente. A ausência de silêncio, diz-se, é sinal de clientes felizes. Como as duas salas não são grandes, o barulho não chega a ser incomodativo, mas O Velho Eurico é um restaurante de grupos, mais do que de casais, e isso é notório.

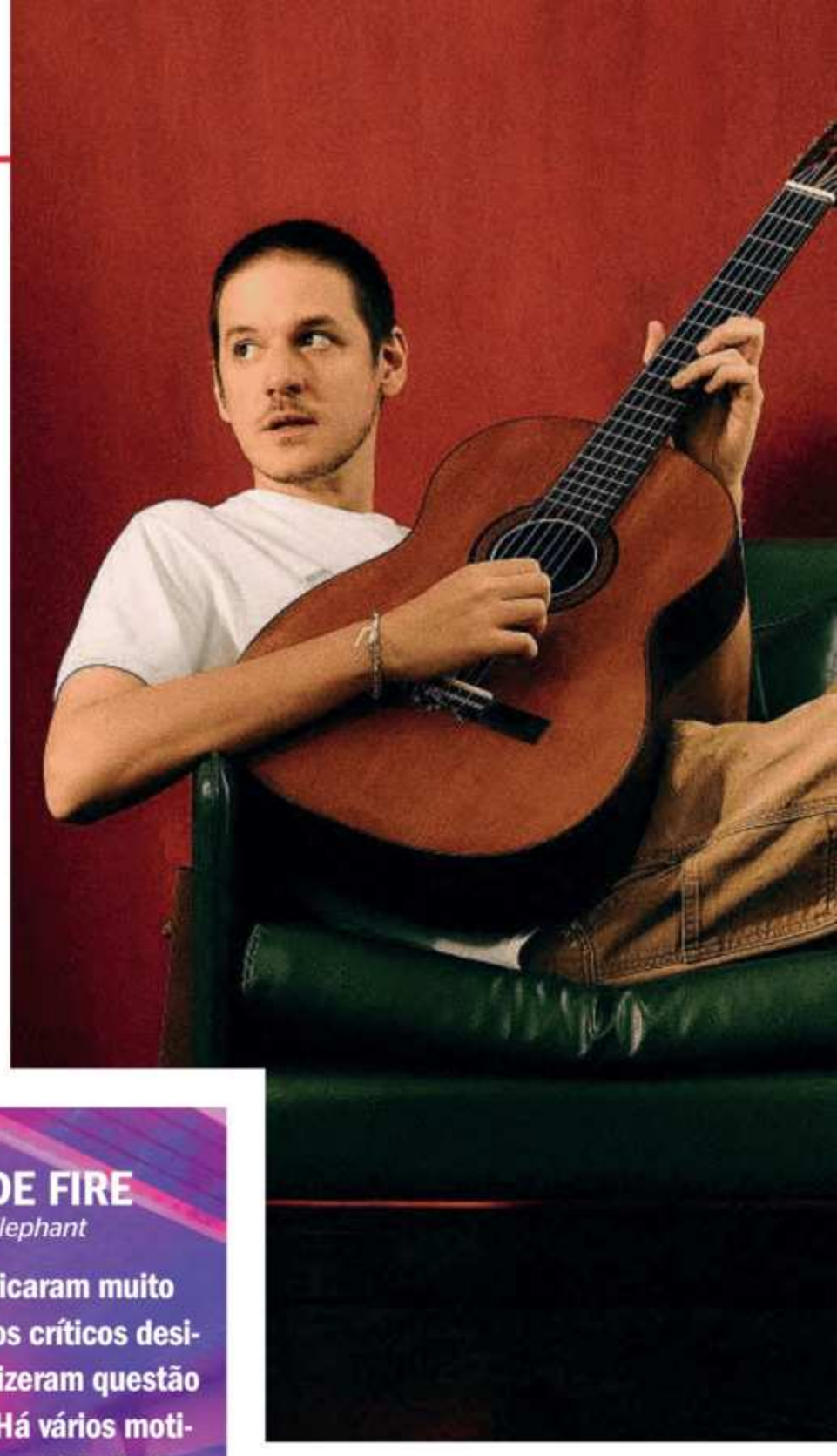
Vamos aos pratos principais, de partilha. Primeira escolha: lula e laranja (€17), sugerida por um dos muito azulejos com mensagens de clientes ("peça a lula"). A combinação é inesperada, há um ingrediente indecifrável (açafrão?) e o molho de laranja aligeira o molusco. Bom, sem ser estrondoso. O mesmo vale para o bacalhau à Brás (€15), criativo, com batatas cortadas finíssimas, muito menos seco do que tantas vezes se encontra.

Falemos de secura, porque é importante para comentar o ex-líbris da refeição: o arroz de pato (€14). É um dos pratos mais maltratados da cozinha portuguesa – tantas vezes é seco, desproporcional (arroz a mais), mal cozido, sensaborão. Aqui é o contrário: cremosíssimo, crocante, tostado no ponto perfeito antes de se queimar. Pelo preço, uma pechincha. Se tiverem de mostrar a um turista o que é um arroz de pato, levem-no, por favor, a'O Velho Eurico. Ou não, que a gentrificação asfixia.

Rematamos com um leite-creme (€5, cumpre) e um pudim flã (€4, melhor). E saímos a perceber que, apesar de alguns estrangeiros (como não, num restaurante com *hype*?), a clientela é predominantemente portuguesa. Talvez pelos preços que não são proibitivos e pelo passa-palavra que funcionou.

O Velho Eurico não é o melhor restaurante do mundo nem quer ser, percebe-se, o mais surpreendente. Zé Paulo Rocha (o chefe da cozinha) e a sua equipa especializaram-se noutra coisa: sabores harmoniosos, ambiente aprazível e boa cozinha portuguesa que surpreende sem inventar a roda. Marcamos outra vez lá para o fim do ano?

9 GRANDES DISCOS QUE O 1.º SEMESTRE TROUXE



Os primeiros seis meses de 2025 trouxeram algumas pérolas que merecem ser ouvidas. Estes foram nove discos que nos conquistaram – e que levaremos para o segundo semestre.

Por **Gonçalo Correia**



ARCADE FIRE

Pink Elephant

Os fãs não ficaram muito convencidos, os críticos desiludiram-se e fizeram questão de nos dizer. Há vários motivos: acusações a Win Butler de conduta sexual inapropriada, o disco não ter canções estrondosas e explosivas... Sem *singles* memoráveis, *Pink Elephant* soa muitas vezes a ressaca. Mas que ressaca tão elegante, esta.

DJ KOZE

Music Can Hear Us

Sete anos depois do magistral, complexo e minucioso *Knock Knock* (2018), e depois de um trabalho meritório com a irlandesa Róisín Murphy (juntos, fizeram o álbum *Hit Parade*), o produtor e mestre alemão da eletrónica DJ Koze volta a maravilhar-nos com canções e ambientes dançantes e exploratórios que só ele consegue criar. Mais do que isso: que só ele consegue casar com tanta harmonia num só disco.



COLD SPECKS

Light for the Midnight

Escondido na gigante biblioteca do *streaming*, numa prateleira com que poucos se cruzam, mora esta revelação. Com o apoio de Owen Pallett (responsável pelos arranjos de cordas), de Ali Chant e Adrian Utley (guitarrista dos Portishead) na produção e de músicos talentosos, a cantora Ladan Hussein, de origens canadiana e somali, gravou um disco de canções extraordinárias.





D.R.

RUBEL

Beleza. Mas agora a gente faz o que com isso?

O disco anterior, *As Palavras, Vol. 1 & 2*, foi uma revelação: Rubel como muito mais do que o cantor doce de redondas canções de amor e tristeza como *Partilhar* e *Quando Bate Aquela Saudade*. O sucessor, editado a 28 de maio, é mais conciso e menos ambicioso. Aqui, Rubel explora menos linguagens estéticas, mas não deixa de fazer uma obra-prima que escorre mel. Não é coisa pouca.



D.R.

PERFUME GENIUS

Glory

Talvez em *Glory* o norte-americano de ascendência grega Michael Hadreas vingue o azar de ter lançado o melhor álbum da sua carreira até então em 2020, em plena pandemia. O seu sétimo disco repesca esse nível, com memórias, dores e anseios tornados poesia musicalmente elegante e, aqui e ali, de libertação.

THE WEATHER STATION

Humanhood

Pode o menos entusiasmante disco recente do projeto musical da canadiana Tamara Lindeman ser, ainda assim, melhor do que a maioria dos discos de canções que se vão ouvindo? A prova está aqui. Sem a força de *Ignorance* (2021), *Humanhood* tem letras, arranjos e melodias dignos de uma das melhores escritoras de canções do presente.



GETTYIMAGES

A GAROTA NÃO

Ferry Gold

Neste ano que já germinou belos discos nacionais como *Inquieta* (Gisela João), *Dias em Branco* (Jasmim), *Viva La Muerte* (Mão Morta) e *Romê das Furnas* (Romeu Bairos), A Garota Não continua a confrontar o mundo com poesia tão situada no presente quanto intemporal. Um disco inspirado, comunitário, para todos.



D.R.

ZÉ IBARRA

AFIM

***Marquês, 256* (2023) tinha sido a apresentação a solo do cantor e músico que integrou bandas como Dônica e Bala Desejo. Este álbum já é outra coisa: as canções libertam-se do registo anterior voz-violão, ganham sopros, cordas, teclados e arranjos sumptuosos. Um grande disco. O presente da música brasileira está a passar por aqui.**



D.R.

GUITARRICADELAFUENTE

Spanish Leather

Não há uma música latina, há muitas músicas latinas, sabemo-lo bem. O espanhol Álvaro Calvo, 27 anos, dificilmente logrará o sucesso planetário e global de Bad Bunny, uma das estrelas pop deste ano. Mas este seu segundo disco tem ginga, sussurros e festa – e a já estafada "mistura de tradição e modernidade" revela-se aqui surpreendentemente leve, veranil, natural. *Ful-time papi*, de facto.



CARLOS GONÇALVES



Esta é a primeira vez que Raquel André e Tonan Quito dividem o palco

O QUE ACONTECE QUANDO NASCEMOS?

A questão, colocada por Raquel André e Tonan Quito, desagua em *Começar Tudo Outra Vez*, um exercício de identidade para ver na Culturgest, Lisboa, de 25 a 28 de junho. Por **Tiago Neto**

PENSAMOS POUCO sobre nascer. Não exatamente sobre a conceção, o prazer inerente ao sexo, o legado ou o cumprir de uma expectativa pessoal e social que possamos carregar, mas sobre o ato de nascer, o que significa uma vida enquanto novo começo e acrescento a outra.

Pensamos pouco sobre o lugar do outro. Não por indiferença, mas porque a empatia nos é limitada à extensão do corpo e a imaginação, enquanto exercício, vive também balizada pela experiência. Até que tenhamos a coragem e o engenho para a expandir.

"E se estivéssemos a ensaiar todas estas possibilidades que envolvem ter um filho? O que aconteceria?", pergunta Tonan Quito, diretor artístico e intérprete de *Começar Tudo Outra Vez*, em cena na Culturgest de 25 a 28 de junho, peça em que divide o palco com a parceira de vida e aqui também de criação Raquel André, que interpreta igualmente a peça.

Nesta dança entre profano e sagrado, sobre aquilo que é, o que podia ter sido e o que nunca teve lugar, a memória tende a ser seletiva, talvez até egoísta: nascemos como acontecimentos para outras pessoas, das quais havemos de carregar os legados, as memórias e heranças que nos fundam as bases, e poucas vezes lhes podemos fugir.

"O que fazemos é, muitas vezes, usar o teatro para ensaiar e pensar a vida", diz Tonan Quito, mas talvez seja também reescrever a história de terras que a todos são comuns; nascimento, morte, heranças, comunidade e redes de cuidado entram em palco numa peça que nos leva a questionar as origens, terreno fértil para o trabalho de Raquel André que já o tocara em *Belonging*.

"Somos um casal que nunca tinha trabalhado junto e temos linguagens artísticas muito diferentes. Cruzámos essas linguagens", conta Raquel André

A ideia, explica a criadora, "surgiu quando tivemos [a

própria e Tonan Quito] vontade de trabalhar os dois, porque somos um casal que nunca tinha trabalhado junto e temos linguagens artísticas muito diferentes. Eu trabalho muito a partir da realidade que trago para a ficção, e o Tonan trabalha a partir da ficção para pensar a realidade. Cruzámos essas duas coisas".

Na peça, as coordenadas são-nos dadas num almoço de família que agrupa familiares e amigos de ambos num registo em vídeo. Nessa mesa, servem-se testemunhos sobre o nascimento de cada um, as vidas e o tempo que passa, enquanto Raquel e Tonan confrontam pontos de vista. Ambos trocam argumentos e lados da argumentação, com o propósito de dar ao público duas perspetivas distintas.

"Percebemos que não há só uma verdade", justifica Tonan Quito, "portanto vamos ensaiando à procura, até mesmo pela incapacidade de nos pormos na pele do outro. Nós, homens, não percebemos o que é a dor, não sabemos o que é perder sangue todos os meses. Não é o corpo do homem que está em causa durante uma gestação, nem depois, é o corpo de uma mulher. Esta coisa de podermos reverter papéis serve também para o público perceber o que se passa do lado de lá. Acredito que se nos puséssemos mais na pele do outro, talvez houvesse uma tolerância diferente. É um exercício de empatia".

Raquel André acredita que este trabalho "traz para a mesa a questão de saber se queremos ser pais, se não queremos, o que isso pode implicar na relação, o que é um casal que decide não ter filhos, o que é ser-se madrasta e não mãe, o facto de ele [Tonan] já ser pai...". Na mesa ficam também questões que a dupla diz terem pouca visibilidade: menopausa, direitos pós-parto, figuras femininas que fizeram e fazem parte do processo de trazer uma criança ao mundo e como a sociedade atual as veta ao quase esquecimento.

No fim, *Começar Tudo Outra Vez* não é, ainda assim, apenas e só sobre um recomeço. Chamemos-lhe antes uma catarse pessoal, íntima e nem sempre inócua sobre os papéis que somos levados a representar, e como o palco lhes pode servir de tubo de ensaio.



A peça ruma depois a Viseu (10 out.) e, em 2026, a Funchal, Aveiro e Loulé

O espetáculo "traz para a mesa a questão de saber se queremos ser pais, se não queremos, o que pode implicar na relação, o que é um casal que decide não ter filhos..."

COMEÇAR...
• Culturgest, Lisboa
• 25 a 28 jun.; 4.ª a 6.ª 21h, sáb. 19h
€14

PUBLICIDADE



A NOVA JOIA DO DOURO

O novo refúgio de cinco estrelas Torel Quinta da Vacaria nasceu num local com mais de 400 anos de tradição vínica, entre vinhas, *design* e um restaurante de *fine dining* chefiado por Vítor Matos. Por **Markus Almeida**



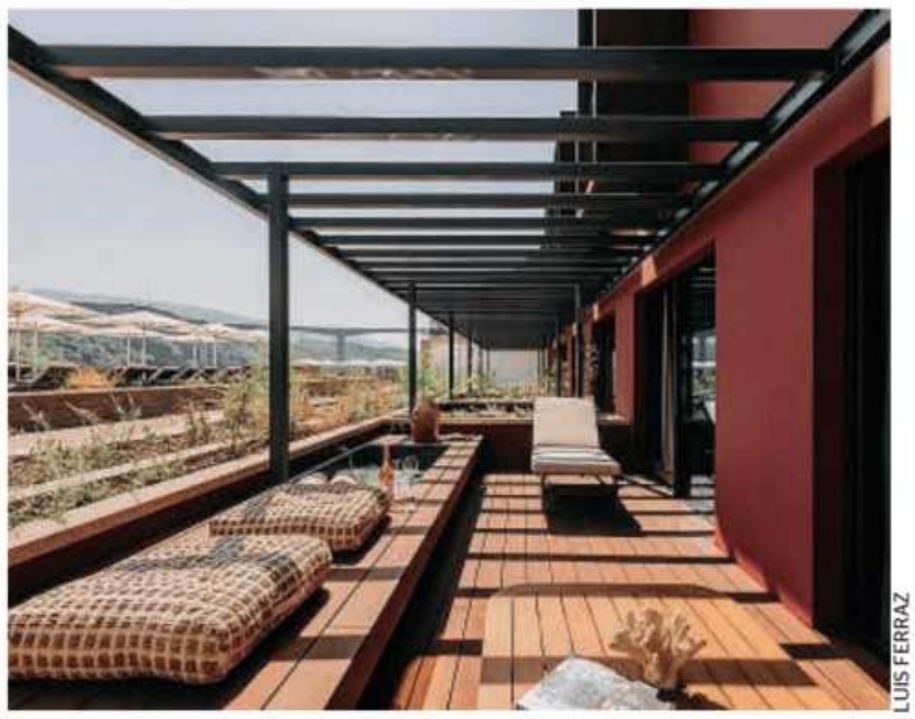
A piscina exterior do hotel, com vista para as vinhas do Douro, torna-se apetecível nos dias quentes

RECOSTADOS em conforto numa espreguiçadeira junto à piscina infinita voltada para o rio, damos por nós a pensar se o Torel Quinta da Vacaria não será um bom exemplo da renovação turística que se tem espalhado pelo vale do Douro, que, recorde-se ou descubra-se, é uma das regiões mais belas de Portugal. Não é para turismo de massas, mas para turistas com massa.

Esta terra de paisagens deslumbrantes, de vinhas em socalcos e do rio que lhe dá nome – que nasce em Espanha e desagua na foz do Porto após 897 km a serpentear entre montes e montanhas – ganhou, no fim do verão de 2024, um novo hotel-butique de luxo encostado a Peso da Régua. Não é muito grande, mas com 33 quartos de nove tipologias – todos com *design* da autoria de Joana Astolfi – também não se pode dizer que seja pequeno. O hotel resulta de uma parceria entre o grupo Torel Boutiques e a Quinta da Vacaria, uma das propriedades vinícolas mais antigas da região, fundada em 1616, com 42 hectares de vinha e produtora de vinho do Porto e Douro DOC (com os Duas Margens, Quinta da Vacaria, Vicious e Ah! Galego). Quartos em época alta a partir de 455 euros por noite.

Criado em 2013, o Torel Boutiques tem-se destacado por dar vida nova a edifícios históricos, sempre com um *design* de interior cuidado e atento ao que é português – e artesanal, de preferência. Conhecida por amealhar prémios de hotelaria e pelas estrelas Michelin conquistadas em restaurantes de dois dos seus hotéis, ambos tutelados pelo *chef* Vítor Matos (o 2Monkeys, em Lisboa, e o Blind, no Porto), o grupo tem neste momento uma pequena mas impressionante coleção de hotéis de prestígio. São seis, ao todo: um em Lisboa (o Torel Palace Lisbon) e quatro no Porto (Torel Avantgarde, Torel 1884 Suites & Apartments, Torel Palace Porto e o recém-inaugurado Torel Saboaria), além deste, no Douro. Para breve está prevista a abertura de um hotel na ilha Terceira (Torel Terra Brava).

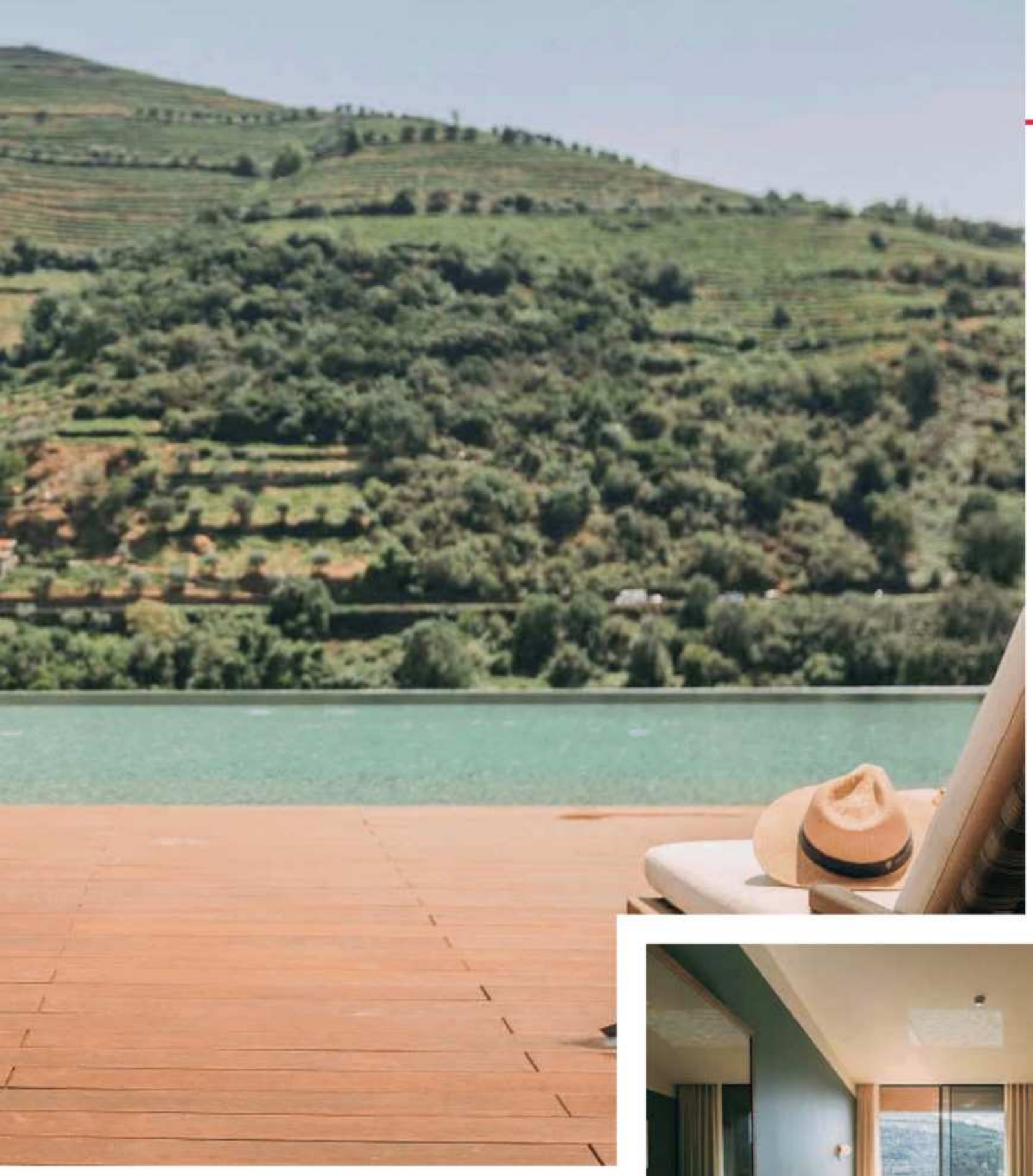
Este hotel-butique de luxo abriu no fim do verão de 2024, numa região de vinhas em socalcos e paisagens deslumbrantes

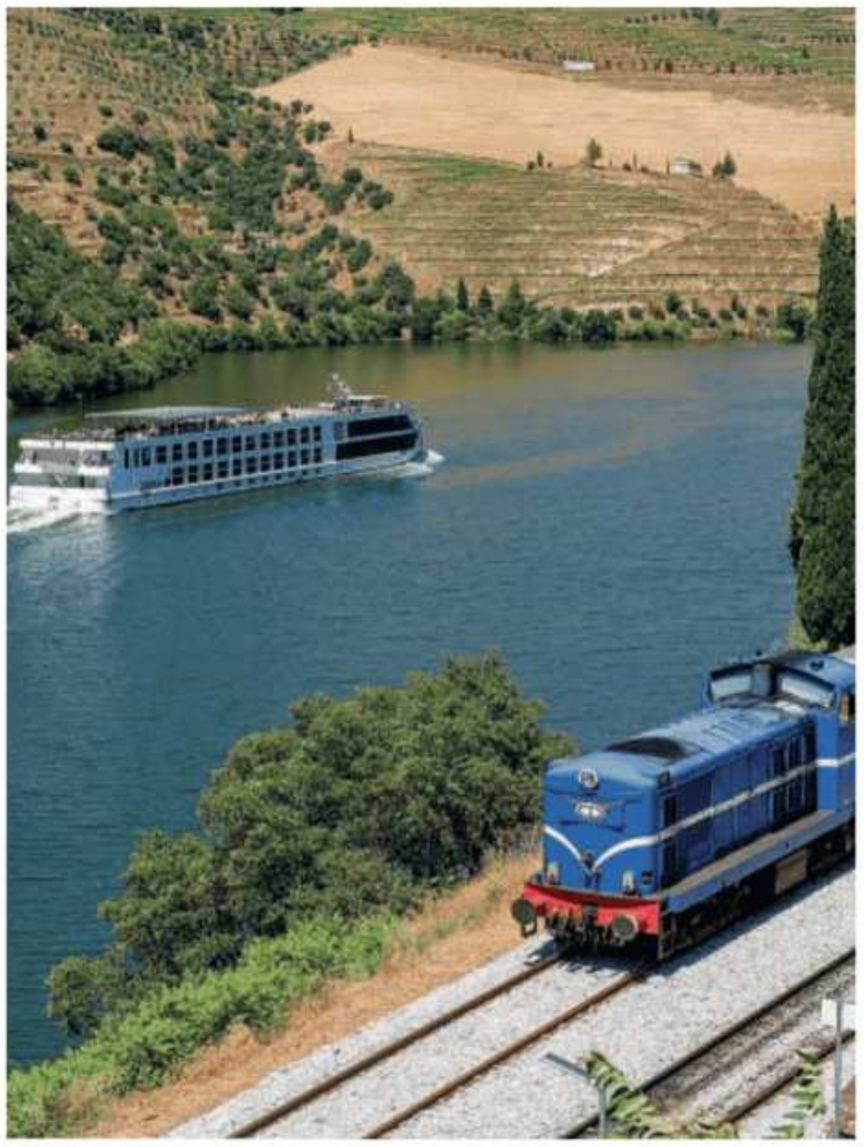


Este novo hotel fica em Vilarinho dos Freires, povoação do município de Peso da Régua

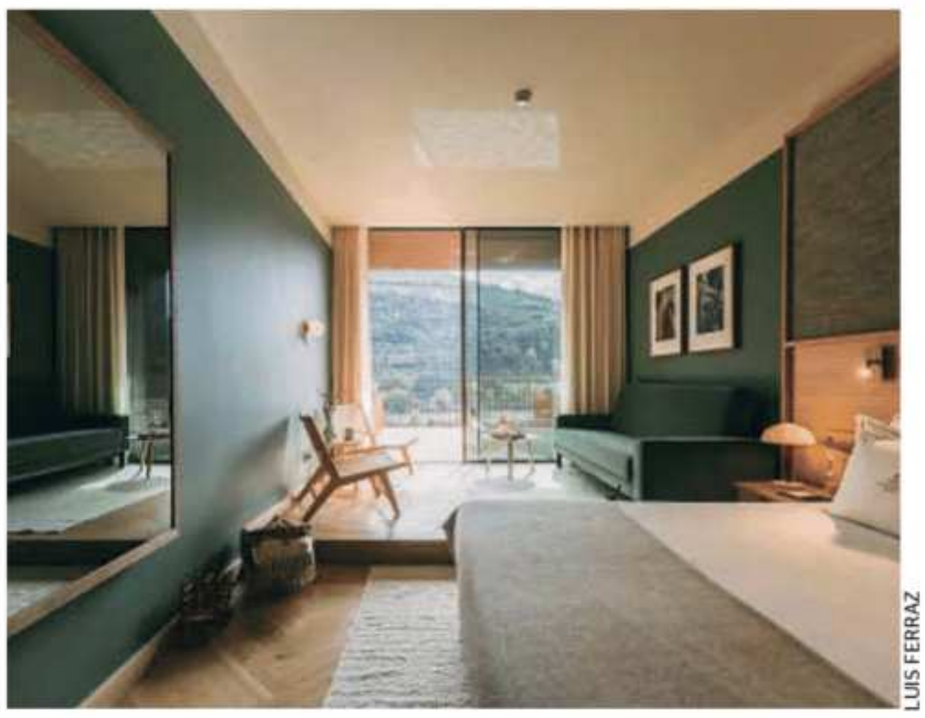
LUIS FERRAZ

Mas regressemos à Quinta da Vacaria. Tudo aqui convida ao descanso, a come-





A beleza desta região é um dos bons argumentos para a visitar



Os quartos deste novo hotel, cuja estadia custa, em época alta, pelo menos €455 por noite

LUIS FERRAZ

çar pela piscina infinita, estrategicamente colocada em cima do rio e voltada para a margem sul – onde passa, em paralelo ao curso de água, uma estrada geradora de consensos: é a EN 222, da qual se diz ser das mais bonitas do mundo, sobretudo no troço entre Peso da Régua e Pinhão. E tem piada, porque entre a beleza natural do Douro e a construída pelo Homem, patente nas vinhas em socalco que descem até ao rio e nas suas históricas aldeias vinhateiras, dá-se o caso de Peso da Régua não ser a cidade esteticamente mais deslumbrante.

Deixemo-la para trás, então, e rumemos ao Pinhão. É considerado o ponto de partida da parte mais espetacular do Douro e para lá chegar pode-se subir o rio de barco ou apanhar o comboio que acompanha as margens. Contudo, é de caro que se confirmam as credenciais da EN 222. No resto, as estradas do vale do Douro, geralmente bem conservadas, mas muitas vezes estreitas – com curvas a sucederem-se e inclinações por vezes vertiginosas – fazem parte do encanto.

Pinhão é um antigo entreposto do vinho do Porto. Tem cais de embarque e uma estação de comboios que nos meses quentes recebe o Comboio Histórico do Douro. São cinco carruagens rebocadas por uma locomotiva a *diesel* que vai da Régua ao Tua. Em paralelo, e durante o ano inteiro, há um comboio regional da CP que, com um pouco menos de charme, faz o mesmo percurso e vai mais além: até ao Pocinho, o fim da linha.

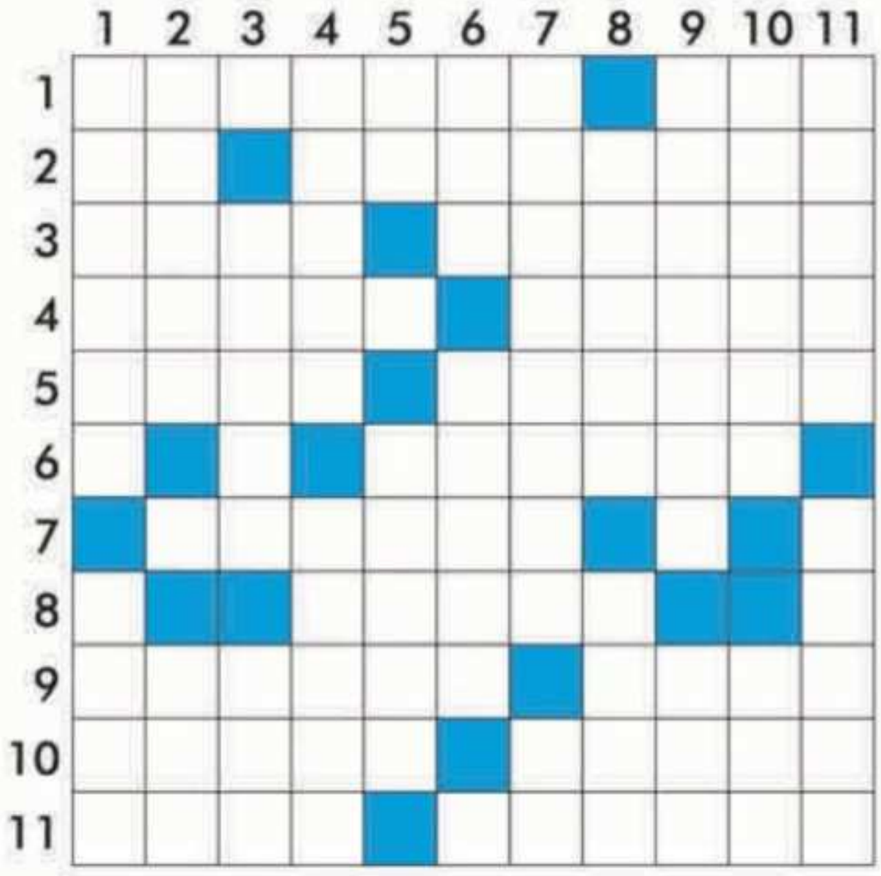
A meia hora de carro fica a vila do Pinhão, considerado o ponto de partida mais espetacular do Douro

Do Pinhão ao Torel Quinta da Vacaria é cerca de meia hora de carro. Suficientemente longe para parecer que se passeou e perto o suficiente para não desmotivar, porque a vontade de sair não é muita. Entre a piscina exterior, o spa de mil metros quadrados com vista panorâmica e as provas de vinho e azeite na nova adega, sobram razões para não querer ir a lado algum. Uma nota ainda para a comida e a bebida: no hotel há lugar para o *fine dining* de Vítor Matos, no restaurante Schistó, além de dois bares (um de apoio à piscina) e de um restaurante de homenagem aos sabores locais (16 Legoas). ●

Passatempos

por Feriaque

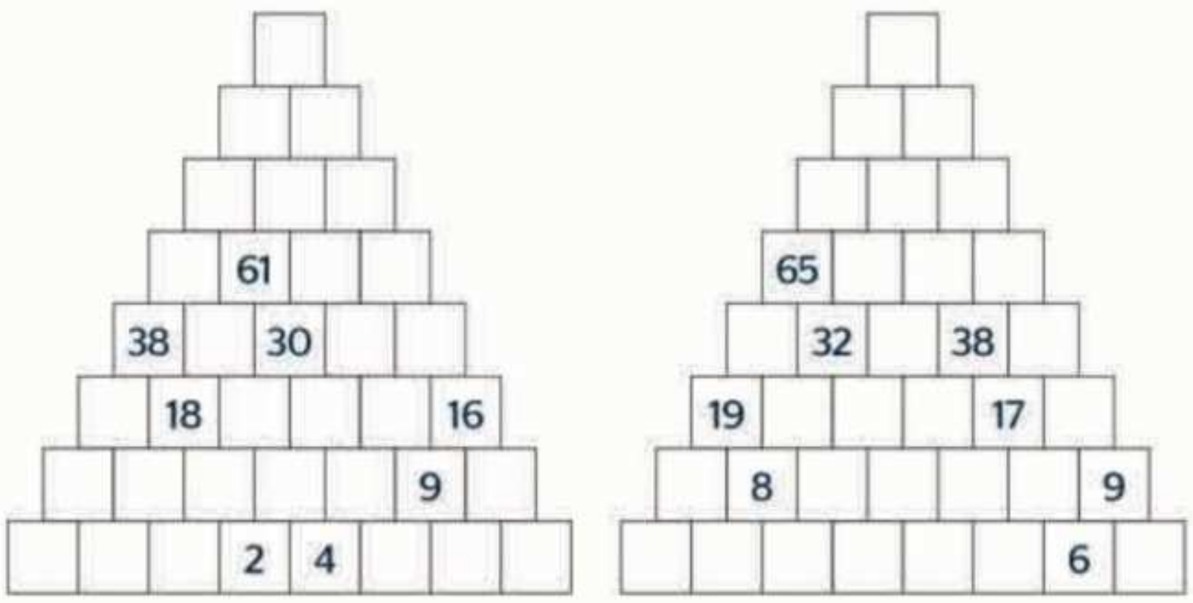
PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: **1**. Exposição. Cloreto de polivinilo (sigla). **2**. Goza. Narração de aventuras extraordinárias. **3**. Cidade do distrito de Aveiro. Agoirar. **4**. Sagrado. Ato de adejar, de bater as asas para se manter no ar. **5**. Conjunto formado por três pessoas. Pelos grossos, duros e compridos de javali e de outros animais. **6**. Estar em decadência. **7**. Meio. **8**. Órgão do aparelho genital feminino onde, normalmente, se desenvolve o feto. **9**. Desagregar-se por emanação e disseminar-se em partículas impalpáveis. Gota, pingo (fig.). **10**. Vir ou ir de encontro a algo ou alguém. Perceber pelo sentido da audição. **11**. Referente à boca. Indício.
VERTICAIS: **1**. Camada superficial e dura que envolve um corpo. Substância gorda e consistente das vísceras abdominais de alguns animais. **2**. Fazer eivas ou manchas em. Grande lago. **3**. Resina odorífera cor de enxofre. Aperta e dá nó em. **4**. Torcido. Passagem ou caminho subterrâneo que serve de via de comunicação. **5**. Prefixo indicativo de movimento, direção, junção. Pôr data em. **6**. Voz do gato. Oferecer, pôr à disposição de. **7**. Ir perdendo a cor. Aqueles. **8**. Vinho de maçãs. Projétil explosivo, geralmente cilindro-ogival. **9**. Reunião de penedos. Insignificância (fig.). **10**. Andar em viagem. Aguardente de cereais (cevada, trigo, aveia). **11**. Dispendiosos. Espécime do grupo dos acarídeos, que inclui os causadores da sarna do homem e as carraças dos cães.

PIRÂMIDES NUMÉRICAS

Complete as pirâmides pondo em cada casa um número com um ou mais algarismos, de forma a que cada casa contenha a soma das duas inferiores. Os números já colocados servem de ajuda.



SUDOKU X

Preencha as casas vazias com algarismos de 1 a 9, sem os repetir em nenhuma linha, coluna, quadrado ou diagonal.

1		7			4	2	6	
	4							1
		8		1				
9			2				3	
			8		6			
	6				9			5
				2		5		
8							7	
	3	9	4			8		6

DIFERENÇAS

Descubra seis diferenças entre as duas imagens.



SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:
1. Certame, PVC. **2**. Ri, Odisseia. **3**. Ovar, Ominar. **4**. Santo, Adejo. **5**. Trio, Cerdas. **6**. Decair. **7**. Metade. **8**. Útero. **9**. Emanar, Baga. **10**. Bater, Ouvir. **11**. Oral, Assomo.

VERTICAIS:
1. Crosta, Sebo. **2**. Eivar, Mar. **3**. Anime, Ata. **4**. Torto, Túnel. **5**. Ad, Datar. **6**. Mio, Ceder. **7**. Esmaecer, Os. **8**. Sidra, Obus. **9**. Penedia, Avo. **10**. Viajar, Gim. **11**. Caros, Ácaro.

PIRÂMIDES NUMÉRICAS

			516				
			248	268			
		120	128	140			
		69	61	67	73		
	38	31	30	37	36		
	20	18	13	17	20	16	
9	11	7	6	11	9	7	
3	6	5	2	4	7	2	5

			581				
			284	297			
		136	148	149			
		65	71	77	72		
	33	32	39	38	34		
	19	14	18	21	17	17	
11	8	6	12	9	8	9	
4	7	1	5	7	2	6	3

SUDOKU X

1	5	7	3	9	4	2	6	8
6	4	2	7	8	5	3	9	1
3	9	8	6	1	2	4	5	7
9	8	1	2	5	7	6	3	4
4	7	5	8	3	6	9	1	2
2	6	3	1	4	9	7	8	5
7	1	6	9	2	8	5	4	3
8	2	4	5	6	3	1	7	9
5	3	9	4	7	1	8	2	6

SOPA DE LETRAS

HORIZONTAIS: 1- Teia; 2- Índio; 3- Cláusula; 4- Retiro; 5- Quer; Ensino, 6- Resvalar; 7- Pipa; Inibição; 10- Própria; 11- Amplexo.

VERTICAIS: 3- Praga; 6- Espreita; 8- Golpe; 9- Bicho; 12- Direção; 14- Optar; 16- Seguro; 17- Muro; 19- Fala; 21- Perícia; 24- Aldeia.

DIFERENÇAS





MACANUDO

SOPA DE LETRAS

Procure na grelha de letras as 22 palavras da lista, que podem estar escritas na horizontal ou na vertical.

ALDEIA
AMPLEXO
BICHO
CLÁUSULA
DIREÇÃO
ENSINO
ESPREITA
FALA
GOLPE
ÍNDIO
INIBIÇÃO
MURO
OPTAR
PERÍCIA
PIPA
PRAGA
PRÓPRIA
QUER
RESVALAR
RETIRO
SEGURO
TEIA

E	B	A	P	Q	Ç	S	G	E	Y	P	O	U	I	R	E	M	V	T	E	I	A	S	A	P	O
M	R	L	O	P	E	W	O	A	I	N	D	I	O	Y	R	U	C	T	I	U	Q	W	L	L	P
N	C	L	A	U	S	U	L	A	D	R	I	T	P	T	H	R	D	V	R	E	E	Y	D	S	V
T	A	X	T	L	P	O	P	F	S	P	R	E	T	I	R	O	V	F	B	P	T	R	E	T	G
S	P	Q	U	E	R	L	E	A	G	L	E	V	A	J	C	V	T	A	R	E	N	S	I	N	O
C	Y	A	C	V	E	I	S	I	N	H	Ç	B	R	E	S	V	A	L	A	R	P	F	A	D	R
P	I	P	A	U	I	N	I	B	I	Ç	Ã	O	K	I	E	L	O	A	N	I	M	Ç	S	Z	X
B	A	R	V	X	T	C	M	I	P	U	O	L	C	A	G	V	R	X	O	C	P	V	L	C	V
X	V	A	M	B	A	I	R	C	T	E	Y	V	S	M	U	T	C	E	Z	I	M	R	Y	K	T
C	O	G	L	I	N	H	O	H	G	O	P	T	R	P	R	O	P	R	I	A	T	E	R	O	J
S	Q	A	M	P	L	E	X	O	T	R	E	O	R	I	O	B	L	P	O	I	L	D	S	A	P

JOGUE SUDOKU E PALAVRAS CRUZADAS EM www.sabado.pt

Turismos rurais – 20 paraísos de norte a sul



Mário da Silva Jesus
Odivelas

Sonhar faz parte da vida e enche-nos de energia. Como seria fascinante poder partir com a família e desfrutar de umas férias num destes destinos, do norte ao sul, deste retângulo belíssimo – onde as paisagens se misturam com o azul do mar – e poder desfrutar do turismo rural. Só que atualmente para alguns portugueses as férias não são tão agradáveis devido à crise financeira, que não nos abandona. (...)

José Carlos Craveiro
Lisboa

Almirante/Marques Mendes

Há dois ou três meses, as sondagens davam uma vitória esmagadora ao almirante Gouveia e Melo, ainda antes de ele anunciar a sua candidatura. Agora, o candidato apoiado pelo PSD, Marques Mendes, está a aproximar-se do militar na reserva nas intenções de voto. Isto está a ficar divertido e até lá ficará ainda mais.

Vítor Colaço Santos
São João das Lampas

Guerra no Médio Oriente

Mais uma fuga para a frente do fascista carniceiro, Netanyahu. Atacado no seu país, por moscambilha, fraude e corrupção, fez uma manobra macabra ao atacar o Irão, sobretudo, para desviar atenções dos casos criminosos sob a justiça, mata no Irão militares graduados, o chefe da Guarda Revolucionária, cientistas nucleares e, gravíssimo, alvejou instalações nucleares! A imprensa revela que ele quer matar o líder máximo religioso do Irão, aiatola Ali Khamenei. Ao colocar 200 aviões a bombardear zonas nucleares, para acabar de vez com a possibilidade de o Irão ter bomba atómica/nuclear. É caso para perguntarmos: Israel tem bombas nucleares, alguém já condenou? Não. Então, por que razão o Irão não pode ter? A questão de este país ser uma teocracia ditatorial, só ao povo iraniano diz respeito. Aquele sionista líder israelita é um exterminador de palestinianos, sendo um monstro criminoso, sem perdão e inqualificável! Mais cedo, que tarde, será julgado pelo Tribunal Penal Internacional.

António Lopes
Lisboa

Monumentos ao desleixo

A poucos meses das autárquicas, vemos algumas freguesias de Lisboa, como a do Lumiar, com monumentos ao desleixo inaceitáveis, tanto ao nível dos espaços verdes como de lixo. Se nem sequer em ano de eleições há um pouco de cuidado, estamos muito mal...

Esclarecimento da Marinha

Relativamente ao artigo, publicado na **SÁBADO**, de 18 de junho de 2025, nas páginas 44 a 48, e com o destaque de capa "Guarda-costas da Marinha pode estar ilegal", cumpre esclarecer o seguinte: Na página 47 há a seguinte passagem: "A **SÁBADO** sabe que o sargento-chefe fuzileiro Francisco Miguel Branco Marques não abdica da sua arma de fogo de serviço (...)". Sobre este trecho, clarifica-se que o sargento-chefe fuzileiro Francisco Miguel Branco Marques não tem atribuída qualquer arma de serviço, pelo que essa afirmação está incorreta. Lamenta-se, ainda, que tendo sido feitas à Marinha várias perguntas para preparação desta reportagem, as quais foram todas respondidas atempadamente, a Marinha nunca tenha sido questionada sobre a eventual posse de uma "arma de serviço" pelo militar em apreço. Com efeito, se a Marinha tivesse sido questionada, teria sido possível clarificar essa situação, evitando-se a afirmação incorreta contida na reportagem.

...medialivre

Conselho de Administração Presidente: Domingos Matos;
Vogais: Luís Santana, Ana Dias, Octávio Ribeiro, Isabel Rodrigues, Mário Silva, Miguel Paixão, Paulo Fernandes e Filipa Alarcão
Diretor Geral Editorial Carlos Rodrigues
Diretor Geral Comercial Luís Ferreira
Diretor de Informática Nuno Alves
Diretora Financeira Ivone Nunes
Diretor de Pessoas e Organização David Pinto
Diretor de Circulação João Ferreira de Almeida
Diretor de Marketing e Reader Revenue João Aleixo
Diretor de Arte Pedro Freire
Diretora de Research Ondina Lourenço

SÁBADO gps

Diretor e Diretor geral editorial Carlos Rodrigues
Diretores gerais editoriais adjuntos Armando Esteves Pereira, Bernardo Ribeiro e Eduardo Dâmaso
Editores-executivos Ângela Marques (angelamarques@sabado.pt); Carlos Torres (cstorres@sabado.pt); Maria Henrique Espada (mespada@sabado.pt)
Redatora Principal Ana Taborda (anataborda@sabado.pt)
Editores Ana Bela Ferreira (anaferreira@sabado.pt); Gonçalo Correia (goncalocorreia@sabado.pt); Nuno Martins da Silva (nunosilva@sabado.pt); Sónia Bento (soniabento@sabado.pt); Vanda Marques (vandamarques@sabado.pt)
Subeditores Alexandre Azevedo (alexandreazevedo@sabado.pt)
Jornalistas Alexandre R. Malhado (alexandremalhado@sabado.pt); Bruno Faria Lopes (brunolopes@sabado.pt); Débora Calheiros Lourenço (deboralourenço@sabado.pt); Diogo Barreto (DiogoBarreto@sabado.pt); Gabriela Ângelo (gabrielaangelo@sabado.pt); Luana Augusto (luanaaugusto@sabado.pt); Lucília Galha (luciliagalha@sabado.pt); Marco Alves (marcoalves@sabado.pt); Pedro Miranda (pedromiranda@sabado.pt); Raquel Lito (raquellito@sabado.pt); Ricardo Santos (ricardosantos@sabado.pt) Rita Rato Nunes (ritanunes@sabado.pt) Sofia Parissi (sofiaparissi@sabado.pt) Susana Lúcio (slucio@sabado.pt) Tiago Neto (tiagoneto@sabado.pt)
Secretária da Direção Catarina Gonçalves (catarina@sabado.pt)
Cronistas Eduardo Dâmaso (eduardodamaso@cmjornal.pt), Germano Almeida, Gonçalo M. Tavares, João Pereira Coutinho (jpcoutinho@jpcoutinho.com), José Pacheco Pereira (jppereira@gmail.com) e Leonor Caldeira (leonormcfc@gmail.com)
Grafismo Daniel Neves, Marta Cristiano, Marta Luz, Tiago Martinho (gráfico sénior)
Infografia Rúben Sarmento
Tratamento de Imagem Filipe Rodrigues (Coordenador); Marco Estrela; Pedro Alves; Paulo Santos e Tiago Estrela
Ilustração Luis Grañena, Vasco Gargalo
Consultoria Linguística Manuela Gonzaga (manuelagonzaga@sabado.pt)
Colaboram nesta edição André Almeida Santos, João Cortesão, Markus Almeida, Miguel Baltazar

Estatuto editorial
(Leia na íntegra em www.sabado.pt)

Assinaturas
Telefone 210 494 999 ***Email*** *assine@medialivre.pt*
Correio Remessa Livre 4062 - EC São Domingos de Benfica - 1501-960 Lisboa

Preços de Assinatura	PORTUGAL	EUROPA	RESTO DO MUNDO
Semestral (26 edições)	€ 63,70	€ 126,40	€ 188,70
Anual (52 edições)	€ 127,40	€ 236,70	€ 362,90

IVA incluído à taxa de 6%
Contactos Margarida Matos (Coordenadora), Sandra Sousa, e Catarina Ferreira (Serviço de atendimento)

Venda de edições anteriores
Contacte-nos pelo 21 836 70 07 ou pedidos@colecoesanteriores.pt

Marketing
Sónia Santos (gestora)

Publicidade
Telefone (+351) 210 494 215
Email *comercial@medialivre.pt*
Chefe Produção Comercial Manuel Martins
Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3, São Domingos de Benfica, 1549-023 LISBOA

C-STUDIO S
É a marca que representa a área de Conteúdos Patrocinados da **SÁBADO**

Produção
Carlos Dias (coordenador), Paulo Bernardino

Circulação
Madalena Carreira (coordenadora) e Jorge Gonçalves

Redação
Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3, São Domingos de Benfica, 1549-023 LISBOA
Telefone +351 210 494 000

Sede: Administração e Publicidade
Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3
São Domingos de Benfica, 1549-023 LISBOA

Propriedade/Editora
Medialivre, S.A.
Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3, São Domingos de Benfica, 1549-023 LISBOA
Capital Social 22.523.420,40 Euros
CRC Lx n.º 502 801 034
Contribuinte 502 801 034
Principal Accionista Expressão Livre II, SGPS, S.A. (100%)
N.º Registo ERC 124436
N.º ISSN 0872-8402
Depósito Legal 210999/04
Tiragem média no mês de Setembro de 2024 26.519 exemplares

Impressão Rotocobrhi, Rda. de Valdecarrizo, 13 28760 Tres Cantos Madrid, Espanha
Distribuição
VASP - Distribuidora de Publicações, Lda. MLP: Media Logistics Park Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Agualva, Cacém



Sérum hidratante
Neutrogena

O novo Hydro Boost Sérum 10% Niacinamida transforma a pele desde a primeira utilização, ajudando a hidratar e iluminar visualmente a sua textura. Tudo para deixar a pele fresca, equilibrada, macia e menos oleosa.



Sandálias
Ara

Palmilhas amovíveis e solas antiderrapantes perfeitas para o verão

A marca alemã Ara apresenta modelos de sandálias desenhados para todas as mulheres que valorizam o conforto e a funcionalidade. Com materiais de alta qualidade e acabamentos cuidadosos, têm um ajuste ergonómico e garantem frescura e estabilidade no pé.



Relógio
Swatch

O novo modelo da Swatch, Green Abyss, inspira-se nas profundezas do oceano. Com tons profundos de verde e com um toque de bege-areia e preto, homenageia o Fifty Fathoms da Blancpain, primeiro verdadeiro relógio de mergulho, lançado em 1953.

CUIDADOS INTENSIVOS

Se eu me sinto "ofendido" com as piadas de um humorista, isso justifica o seu cancelamento – ou, melhor ainda, a sua punição em tribunal. E quem ousa contestar a honestidade dos meus sentimentos?

Os meus sentimentos

A GUERRA AVANÇA entre Israel e o Irão – e alguns "especialistas", sem esconderem uma compreensível simpatia pelo regime dos aiatolas, lançam sobre a mesa duas cartadas severas.

A primeira, que abana com qualquer cruzado, consiste em acusar Israel de também ter armas nucleares. Como aceitar que o Estado judaico tenha a bomba – e a teocracia iraniana, coitada, seja privada desses confortos?

A segunda é ainda mais ponderosa: quem fala em "mudança de regime" em Teerão não aprendeu nada com as tropelias iraquianas. Queremos mesmo repetir as grosseiras intervenções do grosseiro George W. Bush?

São perguntas importantes, difíceis e obviamente absurdas. Comecemos pela primeira: Israel tem armas nucleares?

Muito provavelmente – há, pelo menos, 60 anos. No entanto, essa capacidade dissuasora não impediu os seus inimigos históricos de atacarem o Estado judaico, nem os levou a correr atrás dos mesmos brinquedos.

Isso significa, para bom entendedor, que os Estados árabes reconhecem em Telavive uma certa "racionalidade" que não estendem ao Irão. Porque será? Os "especialistas" deviam tentar responder a esta pergunta, partindo do pressuposto de que a compreendem.

A segunda pergunta é igualmente brutal: em 2003, Washington invadiu o Iraque com um pretexto falso (as armas de destruição maciça), derrubou Saddam Hussein e tentou implantar em Bagdade uma democracia florescente. É esse o programa das festas?

Não creio. Uma coisa é procurar destruir o programa nuclear do Irão e abrir caminho para uma mudança de regime que só os iranianos poderão consumar.

Outra, bem diferente, é repetir a loucura neoconservadora: ocupar militarmente um país para o transformar numa nova Alemanha ou Japão do pós-Segunda Guerra – o modelo ilusório seguido no Iraque, com os resultados conhecidos.

Que eu saiba, nem Trump, nem Netanyahu alimentam semelhante fantasia.

UM HUMORISTA BRASILEIRO é condenado a oito anos de prisão por causa de um espectáculo de *stand-up comedy*. Entre nós, Joana Marques vai parar a tribunal por parodiar o grupo Anjos com um vídeo caseiro. A liberdade de expressão já conheceu melhores dias?

Sem dúvida. Mas o problema não está apenas no descrédito em que o conceito foi caindo, sobretudo entre as gerações mais novas. Está também no crédito que se foi dando ao chamado "emotivismo", uma palavra que o filósofo Alasdair MacIntyre, recentemente falecido, elegeu como a besta negra da nossa era.

Dizia ele que as afirmações morais deixaram de ser verdadeiras ou falsas. Passaram apenas a expressar emoções, preferências, subjectividades que ocuparam o lugar da verdade. Penso, logo existo? Não. Sinto, logo existo – e os meus sentimentos bastam para determinar ou encerrar qualquer debate racional.

Esta revolução ética não ameaça apenas o conhecimento e a vida pública das democracias liberais. No território da liberdade de expressão, o emotivismo foi particularmente tóxico ao multiplicar os casos de "dano" ou "agressão" que clamam por justiça. Se eu me sinto "ofendido" com as piadas de um humorista, isso justifica o seu cancelamento – ou, melhor ainda, a sua punição em tribunal. E quem ousa contestar a honestidade dos meus sentimentos?

Como é evidente, o emotivismo é uma estrada sem fim que vai recolhendo pelo caminho todo o tipo de neuroses e vexames, cada qual com seus queixumes. O resultado lógico desse processo é um mundo de silêncio absoluto. Isto, claro, se o silêncio não for demasiado perturbador para certas cabeças perturbadas.

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico

OUÇA AQUI AS CRÓNICAS DE JOÃO PEREIRA COUTINHO
www.sabado.pt



Politólogo, escritor
João Pereira Coutinho



MARILINE ALVES

PUBLICIDADE

SÁBADO

Dê aos seus filhos uma vantagem informada.

Assinatura digital grátis

Assinaturas digitais totalmente gratuitas para jovens dos **15 aos 18 anos**, durante 2 anos.

O acesso à informação de qualidade é essencial para formar cidadãos críticos, atentos e conscientes.

Agora, graças ao **Programa de Oferta de Assinaturas Digitais**, os jovens entre os 15 e os 18 anos podem subscrever gratuitamente a SÁBADO **durante dois anos**.

Ajude a criar hábitos conscientes de leitura informada, encorajando os jovens a escolher fontes de informação credíveis e seguras que os ajudem a compreender o mundo que os rodeia, sem notícias falsas.

Saiba mais e incentive a subscrição da SÁBADO em gov.pt

Vantagens da Oferta:

- Acesso sem limites e sem pop-ups
- Leitura antecipada
- Newsletters exclusivas
- Ofertas e descontos
- Partilha de artigos

sabado.pt/tensamania

Aderir aqui



PUBLICIDADE

SEIKO

SINCE 1881

Seiko Diver's Watch 60th ANNIVERSARY



Keep Going Forward

PROSPEX

www.seikowatches.com #SPB519

BeOnTime (Saldanha, Lisboa) / David Rosas (Norteshopping, Porto - Funchal)
El Corte Inglês (Gaia - Lisboa) / Espiral Relojoaria (Amoreiras, Lisboa) / Galeria da Jóia (Norteshopping, Porto)
Gilles Joalheiros (Vasco da Gama - Colombo, Lisboa) / Paulo Miranda Joalheiro (Faro)
Pure Jewellery by Ana Joalheiros (Oeiras) / Relojoaria Mendonça (Porto) / Rogério Joalheiro (Almada)

*Continua A Avançar

CERTORA: 213 212 600